



1989



França e Rocha Barros / Bracher

Memórias de nossa gestão (1989-1990)

O *Jornal de Psicanálise* foi uma iniciativa de Virginia Bicudo, fundadora e uma das organizadoras do ensino de nosso Instituto. Seu amor, quase uma paixão, pela nossa Formação Psicanalítica, era algo contagiante. Foi nesse clima de aprimorar e fortalecer nosso Instituto que ela lutou e conseguiu instituir o *Jornal de Psicanálise*. Sua finalidade era, sobretudo, a publicação de artigos de candidatos do Instituto, assim como trabalhos relativos à Formação. Essa abertura foi recebida pelos candidatos como muito valiosa para seus desenvolvimentos. Vale lembrar a importância com que Virginia percebia os anos de formação:

A formação psicanalítica que oferecemos precisa ter raízes fortes quanto à sua competência e quanto à sua ética institucional, sendo esta a nossa responsabilidade junto ao que entendemos como psicanálise e junto àqueles que a procuram.¹

Ao assumirmos a editoria do *Jornal*, fizemos uma pesquisa extensa entre membros e candidatos sobre o interesse que a leitura do *Jornal de Psicanálise* despertava. Nos demos conta então de que, embora continuasse valorizado como desde seu início, o *Jornal* tinha deixado de ser objeto de leitura assídua por membros e candidatos do Instituto.

O que faltaria?

1 Virginia Bicudo, comentário pessoal.

Lembramos que de certa forma ele tinha se afastado aos poucos de seu propósito inicial e a preferência seria voltar a ele. Nossa primeira função foi tentar revigorá-lo. Sugerimos artigos, encomendamos outros relacionados à Formação e tentamos estimular o interesse dos candidatos em publicar no *Jornal*.

Nessa época havia também uma grande restrição financeira: deveriam ser publicados dois números por ano, com restrição do número de páginas, resultando em *Jornais* diminutos. Como estratégia de *marketing* mudamos sua capa, para sinalizar a relativa mudança editorial ocorrida.

Como a vida não é feita somente de fatos “benéficos”, na verdade o que estava presente na ideologia geral da Instituição era, a nosso ver, pouca valorização de publicações, de trabalhos de saber e conhecimento acadêmico. Lembro-me de nossa luta para salvaguardar a manutenção da publicação da revista *Ide*, bastante ameaçada de extinção; a justificação era de que, como seus artigos não eram *stricto sensu* voltados para a psicanálise, a economia deveria ser feita parando a publicação. Daí também a importância de mantermos a linha editorial do *Jornal* voltada para o espaço de saber teórico-clínico como um fator de equilíbrio/defesa para o que estava sendo “atacado” como não sendo do interesse da psicanálise.

Depoimento: Elizabeth Rocha Barros

Quando retornamos ao Brasil em maio de 1986 Elias e eu começamos a nos preocupar com a falta de tradução para o português de livros e artigos sobre psicanálise. É curioso pensar nisso nos dias de hoje, quando muito foi feito desde então.

Tínhamos feito nossa Formação Psicanalítica no grupo kleiniano da Sociedade Britânica de Psicanálise. Este grupo tinha constituído o Melanie Klein Trust. Este se dedicava a zelar pelos arquivos de sua obra e de seus seguidores. Fazia parte das atribuições deste Trust cuidar para que a obra de Klein fosse bem traduzida nas diferentes línguas do mundo.

Começamos nosso trabalho com o livro editado pelo Elias *Evoluções*. Esse livro foi muito importante, pois o Melanie Klein Trust cedeu todo o *copyright* para financiar as futuras traduções das obras completas de Klein, que foram depois publicadas pela Editora Imago.

Estou me referindo a esta minha trajetória porque foi a partir do nosso compromisso com a retradução de toda a obra de Melanie Klein que acabei por me interessar pelo campo da edição.

Sou muito grata à Maria Olympia pelo convite de ser coeditora com ela do *Jornal de Psicanálise* no biênio. Creio ter sido esta a minha primeira participação mais formal na política científica e na política de formação de nossa Sociedade. Depois desta, iria participar em inúmeras Comissões e Diretorias.

Mas esta foi a primeira e, embora muito distante no tempo e até mesmo em minha memória, permanece viva em minha lembrança afetiva. Daí minha gratidão e carinho pelo convite que me foi feito por Maria Olympia.

Quando assumimos o *Jornal* havia um problema grande de restrição financeira. Pelo que me lembro, tínhamos um orçamento para apenas dois números por ano e assim mesmo com restrição de número de páginas. Quando vejo as publicações atuais fico surpresa e muito contente pela facilidade orçamentária que hoje conquistamos. Temos que nos lembrar de que era outra a situação econômica brasileira naquele tempo dominado pela inflação. Eram tempos anteriores ao governo de Itamar Franco e de Fernando Henrique Cardoso e, portanto, pré-real e pré-estabilidade econômica. Hoje tendemos a nos esquecer de quão difíceis foram aqueles tempos.

O *Jornal* estava passando por certa crise, embora fosse pouco lido era estimado por nossos membros e candidatos. Tínhamos então que tentar revigorá-lo e reconquistar os leitores. Para tanto, buscamos estimular os candidatos a publicarem suas experiências e passamos a encomendar artigos sobre temas associados à formação psicanalítica. Foi exatamente uma encomenda sobre o tema da Supervisão que fizemos à Sonia Bracher. Sua extensa pesquisa confirma como este tema fez e ainda faz parte das reflexões de muitos dos Institutos de Formação Psicanalítica.

A preocupação com a qualidade da Formação foi sempre um tema de minhas conversas com diversos colegas e também com a Maria Olympia. Pensávamos que deveríamos propiciar um espaço no *Jornal* para que as diversas Orientações Teóricas pudessem ser mais bem conhecidas por todos. As diversas mesas de debate teórico por nós organizadas tinham em mente este objetivo. Quero ressaltar o clima amistoso e de respeito mútuo existente entre os colegas nesse período, o que tornava possível o diálogo e o esclarecimento de seus referenciais. Nosso objetivo era a publicação de controvérsias, pois, como afirma Guy Hall (2001), somente a partir do mapeamento das diferenças poderemos estabelecer possíveis campos comuns.

Diz ele: “É difícil resistir à tentação de não atenuar as diferenças ou de promover falsas concordâncias. Em vez disso, o que necessitamos é a reformulação dos sistemas irreduzíveis que cada um tem”.

Outra questão que nos era importante e que está bem descrita em um dos nossos editoriais era nossa preocupação por encorajar os membros filiados a escreverem artigos, mesmo que fossem ainda em uma forma preliminar ou ainda incipiente. Aprender a escrever faz parte também de uma Formação mais ampla. Escrever é uma outra forma de pensar, de expressar nossas ideias, de aprofundarmos a nossa compreensão psicanalítica, seja ela teórica ou clínica.

Uma das grandes preocupações dos analistas em formação em nossa Sociedade é com o relatório final de suas Supervisões. Assim, nos parecia importante esse estímulo como parte de nossa política editorial.

Depoimento: Maria Olympia França

O *Jornal de Psicanálise* foi o meu primeiro contato vivo com nossa Instituição e em parte responsável por querer fazer minha formação junto a ela. E por que contato vivo?

Fazia eu análise terapêutica com Breno Ribeiro, cujo consultório era em frente à nossa Sociedade, na Rua Itacolomy. Era aquela análise sisuda dos anos 1960, embora tenha me ajudado muitíssimo. Essa sisudez me dava medo, não sintonizava com meu jeitão de ser. Algo, no entanto, aconteceu que me fez ver um clima diferente, de colaboração e de alegria. Presenciei por vários dias junto ao elevador comum um movimento de vai e vem de trabalho entusiasta, e ao mesmo tempo descontraído. Curiosa, soube então que essas pessoas saíam da porta da sede da tal “Sociedade sisuda”. Virginia, Pessanha e Adele, ocupados com a distribuição da edição do primeiro número do *Jornal*, “passeavam” de um consultório para outro, carregando pessoalmente muitos exemplares e distribuindo-os. Às vezes, até deixando cair... mas tudo ao som de risadas e entusiasmo. Clima bastante diferente da seriedade e silêncio no qual ocorria minha análise. Esse fato temperou o clima psicanalítico de minha experiência até então (se os mais moços soubessem o clima austero das sessões de psicanálise de então...). Criei coragem e pedi um número. Deram-me prontamente, com a condição de devolvê-lo, pois a publicação era exclusiva para os da área. Provavelmente pela interferência transferencial (há um artigo do dr. Breno nesse primeiro número), me senti muito valorizada, pois eu ainda nem cursava a Faculdade.

Imaginem então como me senti prestigiada pelo convite de ser, nessa tarefa, sucessora de Virginia, Pessanha e com Adele sempre apta a nos ajudar! Nessa experiência aprendi o quanto de responsabilidade está presente na liderança de uma publicação institucional, porta-voz do pensamento grupal. Talvez essa minha satisfação tenha sido o *start* para que, anos depois, eu tenha organizado, conjuntamente com colegas, a coleção *Acervo Psicanalítico*, que consta de 10 ou 11 livros tratando de publicações de artigos, palestras e mesas redondas referentes à nossa produção científica.

Gostaria também de transmitir algo que considero muito significativo da vitalidade de nossa Sociedade. Quando estive à frente seja do *Jornal de Psicanálise*, seja da diretoria Científica, seja da preparação de Congressos, nunca recebi recusa de colaboração por parte dos colegas, a não ser por “força maior”.

Dirigindo-me aos meus colegas mais moços, desejo transmitir uma experiência pessoal: também individualmente é valioso colaborar com o aprimoramento de nosso grupo institucional, fonte de conhecimentos clínicos e teóricos. A experiência emocional vivida junto à Instituição é parte afetiva de nosso mundo mental psicanalítico.

Valeu!

Nota

A escolha da contribuição bibliográfica de Sonia Bracher sobre “Supervisão” deve-se ao fato de ser voltada para algo de suma importância e sempre atual em nossos Institutos de formação, tema esse objeto de escolha para o período em nossas publicações. A nosso pedido Sonia nos apresentou um seriíssimo trabalho de compilação de vozes experientes no exercício de supervisão, voltadas inclusive para o supervisor, publicado em 1990, no *Jornal de Psicanálise*, n. 45. Como o artigo é muito extenso, tomamos a liberdade de reeditá-lo, deixando-o em um tamanho compatível para o presente número.

Bracher ofereceu-nos um roteiro chamando a atenção para o quase total consenso que existe entre os autores consultados sobre o lugar da supervisão na formação analítica: 1. Conceito de supervisão; 2. Metas da supervisão; 3. Postura e método da supervisão; 4. Transferência e contratransferência na supervisão; 5. Avaliação; 6. Formação dos supervisores.

Selecionamos os pensamentos que foram por ela destacados.

Elizabeth Lima da Rocha Barros
Membro efetivo da SBPSP
elizabethrochabarros@gmail.com

Maria Olympia França
Membro efetivo da SBPSP
mofranc@terra.com.br